

DIETA MEDITERRÂNICA, PATRIMÓNIO IMATERIAL DA HUMANIDADE

A Dieta Mediterrânica (DM) portuguesa foi classificada como Património Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em Baku, no Azerbaijão, no passado dia 4 de dezembro de 2013.

Tavira, considerada como comunidade representativa da DM em Portugal, assegurou o processo técnico de preparação da candidatura, ao longo de dois anos e meio. Mas a candidatura é transnacional e subscrita por sete Estados com culturas e vivências mediterrânicas idênticas: Portugal, Chipre, Croácia, Grécia, Espanha, Itália e Marrocos. Os últimos quatro países já tinham visto uma primeira candidatura aprovada em 2010.

A Câmara Municipal de Tavira liderou o processo de candidatura conjunta dos sete países, com o apoio de várias instituições, nomeadamente o Ministério da Agricultura e do Mar, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, a delegação portuguesa da UNESCO, a Comissão Nacional da Dieta Mediterrânica, a Ordem dos Nutricionistas e a Fundação Portuguesa de Cardiologia, através do movimento das Mulheres de Vermelho.

A DM surgiu como resultado da geografia, do clima, da flora e da fauna características da região. Apesar de Portugal não ser banhado pelo Mediterrâneo, as trocas comerciais e culturais entre os povos da bacia do Mediterrâneo ajudaram a difundir entre si, as festividades e tradições, bem como os hábitos alimentares, exemplo do uso do azeite, do consumo abundante de cereais, legumes e frutas e a presença de vinho a acompanhar as refeições.

A Associação Portuguesa de Horticultura, conhecedora da importância e qualidade dos nossos produtos hortícolas, ervas aromáticas, fruta, cereais, leguminosas, azeite e vinhos, acredita que o reconhecimento da DM como Património Imaterial da Humanidade pode contribuir para a redescoberta e valorização dos diferentes modos de produção e transformação dos produtos regionais e tradicionais, impulsionando o seu consumo e, conseqüentemente, a agricultura portuguesa.

Jorge Queiroz, sociólogo, diretor do Departamento de Cultura, Património e Turismo da Câmara Municipal de Tavira e diretor do Museu Municipal de Tavira, que integrou a Comissão Nacional de Candidatura da DM, gentilmente, recebeu a APH para dar conta das preocupações e pretensões em torno da salvaguarda e da divulgação da DM enquanto Património Imaterial da Humanidade.

A entrevista foi conduzida por Margarida Costa e Maria da Graça Barreiro.



Jorge Queiroz e Margarida Costa.

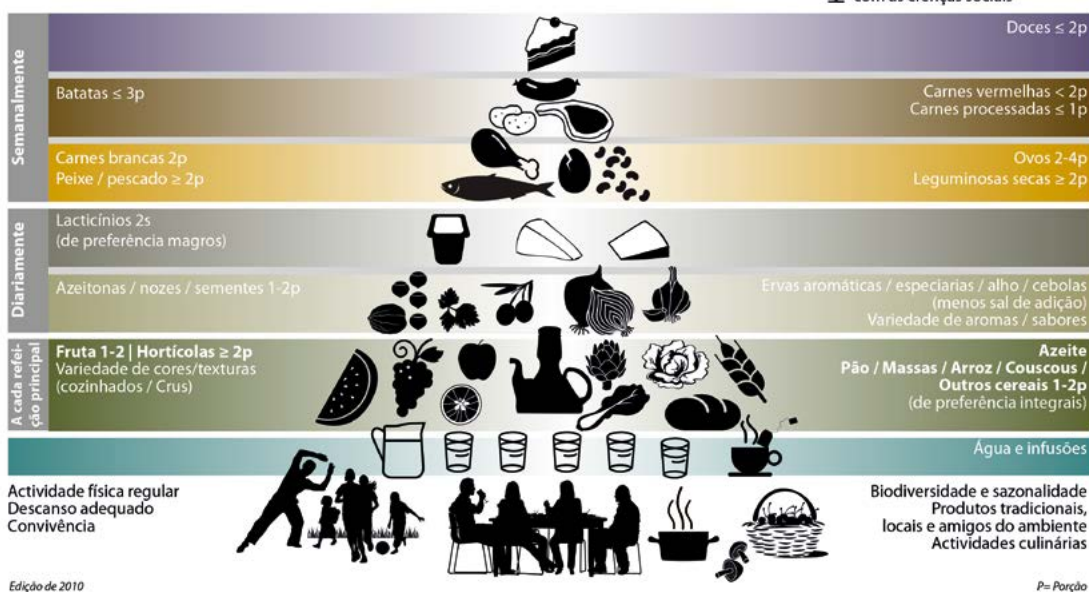
A Pirâmide da Dieta Mediterrânica: um estilo de vida para os dias de hoje

Recomendações para a população adulta

Porções de alimentos baseadas na frugalidade e nos hábitos locais



Vinho em moderação e de acordo com as crenças sociais



© 2010 Fundación Dieta Mediterránea. O uso e promoção desta pirâmide é recomendado sem qualquer restrição



ICAF
International Commission on the
Anthropology of Food and Nutrition



Predimed
Prevention with Mediterranean



Ciisam



APH - O reconhecimento da Dieta Mediterrânea (DM) como Património Imaterial da Humanidade é uma vitória da comunidade de Tavira, do Algarve ou de todo o país?

Jorge Queiroz (JC) - Trata-se de um sucesso de todos, em primeiro lugar de Portugal. Estamos a referir-nos a um património milenar pertença do povo português, uma cultura construída ao longo de muitas gerações, por gente humilde, sobretudo camponeses e pescadores, que nos ensinam hoje a “fazer muito com quase nada”.

Sendo o Algarve a mais mediterrânica das regiões portuguesas, esta inscrição pela UNESCO, organização da ONU com mais de 190 Estados, significou o primeiro reconhecimento planetário para a cultura algarvia. É natural que quem gosta desta região, lhe reconhece história e identidade cultural, sobretudo os algarvios e os tavienses, se sintam satisfeitos e valorizados pela distinção.

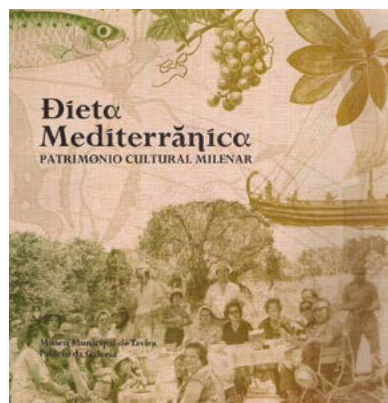
Convirá referir que o termo dieta tem origem no grego “diaita” que significa estilo de vida. É um modelo cultural que integra um padrão alimentar reconhecido de excelência pela Organização Mundial de Saúde, baseado no consumo de produtos frescos, de acordo com a época do ano e produzidos localmente, o que garante diversidade e qualidade. Curiosamente, foi um fisiologista norte-americano, Ancel Keys quem “descobriu” o modelo nutricional da dieta mediterrânica, com o famoso estudo “*Seven Countries: a multivariate analysis of death and coronary heart disease*” revelado no final da década de 50 do século XX. A partir desse momento a DM começou a ser estudada em todo o mundo.

Nas populações mediterrânicas encontrou-se menor prevalência de doenças coronárias e cardiovasculares, níveis de colesterol mais baixos e maior longevidade das populações, comparativamente com as do centro-norte e leste da Europa.

Keys reconheceu que os níveis de saúde não eram explicáveis apenas pelo modelo alimentar, sendo causas multifatoriais: estilo de vida, convívio social, ausência de stress, contacto com a natureza, atividade física, festa e mesa como lugar de partilha e transmissão de conhecimentos.

APH - De que modo esta classificação nos permite afirmar a cultura do país e a sua presença na bacia do Mediterrâneo?

JQ - Portugal é um País de cultura mediterrânica, não apenas pelo clima e produções, mas pelas formas de vida comunitária, pelas religiosidades, convivialidades e sociabilidades, heranças que nos foram legadas pelos povos que habitaram este território no período anterior à formação de um estado soberano com fronteiras definidas, há quase mil anos...



Catálogo da exposição Dieta Mediterrânica, património cultural e milenar.



Jardim mediterrânico, no âmbito da Feira da Dieta Mediterrânica, em Tavira.

A cultura portuguesa, com as suas especificidades e influências, tem uma matriz idêntica à de outros países da Europa do Sul, do norte de África e do Médio Oriente. Não se trata de uma nova presença no mundo mediterrânico, mas o reconhecimento do que sempre existiu.

APH - A distinção da DM como Património Imaterial da Humanidade é uma grande oportunidade, como se pode concretizar? Como é possível potenciar turística e economicamente a DM?

JQ - A principal preocupação da UNESCO e também desta candidatura transnacional é proteger a diversidade cultural, muito ligada à salvaguarda da biodiversidade do planeta, garantir que DM seja um património das próximas gerações.

Existem possibilidades muito favoráveis para a produção e valorização dos produtos agrícolas e das pescas, para a saúde comunitária e a nutrição saudável, para a gastronomia e restauração, para o turismo cultural. Há formas muito diversas de as potenciar mas em primeiro lugar há que ter a consciência de um valor que transcende a materialidade. Foi assim que outras culturas se tornaram dominantes, transmitindo valores que depois criam a riqueza.

APH - A UNESCO reconhece patrimónios autênticos, patrimónios preservados e boas práticas que devem ser seguidas para o futuro, esta é a base da candidatura. De que forma podemos aliar a salvaguarda desta autenticidade sem comprometer o desenvolvimento do território e das comunidades?

JQ - É errado pensarmos que o “desenvolvimento” de um território seja sinónimo de abandono da identidade ou da autenticidade ou ainda que seja necessário descaracterizar a paisagem, desvalorizar a língua e a cultura, para sermos “desenvolvidos”. Se, por exemplo, olharmos onde está o sucesso de Portugal nas exportações, vamos encontrar a resposta nos produtos tradicionais como o vinho, o azeite, a cortiça e o calçado, entre outros. Também os êxitos do País na área da cultura estão no fado, na música dos Madredeus ou na guitarra de Carlos Paredes, na arte contemporânea e na arquitetura portuguesa, no cinema de Manuel de Oliveira...

As cidades mais visitadas e procuradas pelo turismo são as que souberam conservar e valorizar o seu património e um perfil identitário. A cultura centrada na imitação é sempre um subproduto. O subdesenvolvimento económico e a dependência financeira resultam em grande parte da coloni-



zação cultural e mental que se instala quando não desenvolvemos as nossas capacidades. Este problema tem mais que ver com “elites” que desconhecem a história e a cultura do País do que com os cidadãos.

APH - Existe um Plano de Salvaguarda e valorização da DM, com definição de uma estratégia de ação?

JQ - Tratando-se de um património civilizacional comum o Plano de Salvaguarda apresentado na candidatura da DM envolve a participação de sete Estados e respetivas comunidades representativas. O Plano de Salvaguarda será debatido na próxima reunião agendada para finais de abril, em Chipre, que estabelecerá um programa conjunto para os próximos quatro anos.

APH - Que ações estão pensadas para concretizar a estratégia?

JQ - No essencial o Plano de Salvaguarda previsto envolverá componentes de investigação, inventários, medidas de valorização, de educação para a saúde nutricional, de divulgação, de participação das comunidades detentoras dos conhecimentos, para que a DM possa ser transmitida às próximas gerações.

No que se refere a Tavira temos diversas ações concretizadas, como a exposição “Dieta Mediterrânica, património cultural milenar”, patente ao público até março deste ano, com edição de catálogo, os passeios mensais e oficinas da DM, a Feira da Dieta Mediterrânica e outras no terreno como: o projeto do Centro de Estudos da DM em parceria com o Ministério da Agricultura, seminários, participações em conferências e programas de rádio e televisão...

Igualmente a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR), o Turismo do Algarve, a Universidade do Algarve e várias outras organizações de produtores e profissionais estão a estudar medidas e ações que se poderão articular com o Plano de Salvaguarda.

APH - Quais as instituições envolvidas no Plano e nas ações de salvaguarda e valorização da DM?

JQ - A entrega da candidatura em março de 2012, na sede da UNESCO, foi acompanhada por cerca de 70 declarações de apoio e de compromisso de Instituições portuguesas, públicas e privadas, Juntas de Freguesia, organizações de produtores agrícolas, confrarias gastronómicas, associações

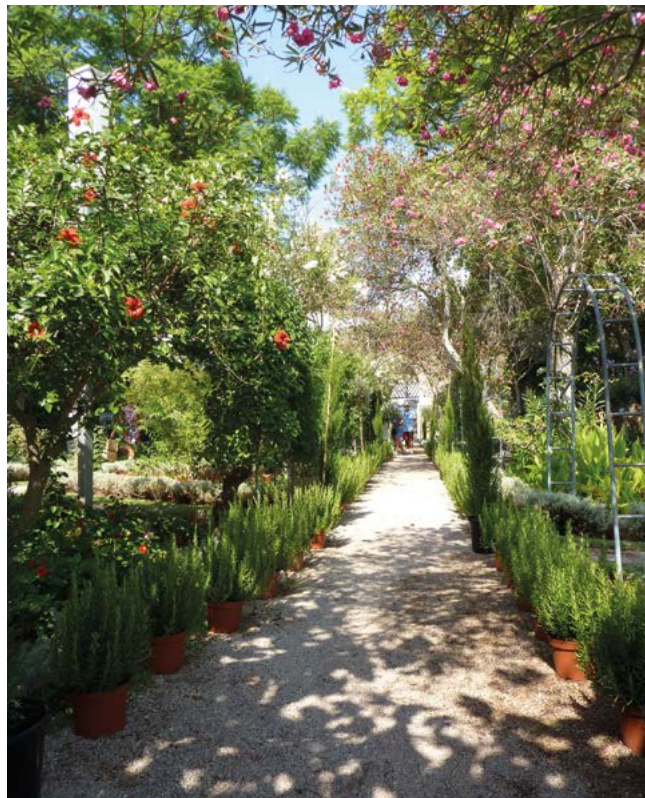
de desenvolvimento local, cardiologistas, nutricionistas e dietistas, organizações do turismo, etc..

APH - A classificação atribuída pela UNESCO tem implícito algum fundo de apoio à realização das diferentes ações para a salvaguarda e promoção da DM?

JQ - A origem do financiamento para a candidatura foi fundamentalmente nacional e autárquico, mas estamos a falar de valores muito residuais. Contudo, é preciso referir que mesmo com meios escassos, nunca faltou empenho ou respeito pelos concidadãos, nem dúvidas sobre o valor da cultura portuguesa.

O País ao ratificar a Convenção e ao inscrever um elemento da sua cultura na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade está juridicamente obrigado perante a UNESCO a apoiá-la financeiramente. Irão certamente existir apoios financeiros nos próximos anos para que se concretizem as ações previstas.

Em nome da APH agradecemos uma vez mais, a amabilidade de nos ter recebido e a disponibilidade manifestada em responder às questões apresentadas. Foi com prazer que ficámos a saber um pouco mais sobre o reconhecimento da Dieta Mediterrânica como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO e os próximos passos a serem concretizados. Ao Dr. JORGE QUEIROZ E A TODA A EQUIPA ENVOLVIDA NA CANDIDATURA desejamos a continuação do maior sucesso, convictos de que esta distinção é também um comprometimento de todos os portugueses para a salvaguarda desta herança e transmissão às gerações vindouras.



**Porque a sua Logística não pode parar,
Confie no Serviço de Aluguer Linde**

A Linde tem à sua disposição a frota de empilhadores mais diversificada e moderna com equipamentos para todos os sectores da indústria.

Serviço Integral. Resposta Imediata.



212 306 760
www.linde-mh.pt
alugueres@linde-mh.pt